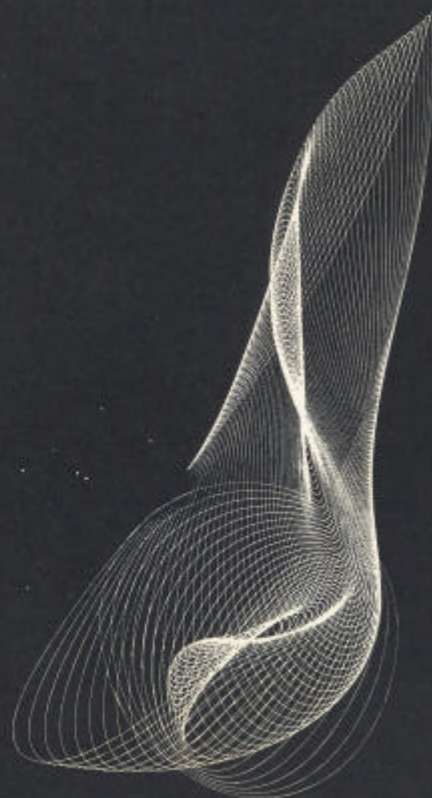


**CRÓNICA  
DO QUOTI  
DIANO IN  
ÚTIL**

j. chystello



**CRÓNICA  
DO  
QUOTIDIANO  
INÚTIL**

**Vol. 3 (1973-1981)**

## 489 OS GRANDES ACTOS HERÓICOS

já o disse

e repito

os poetas não têm idade

na descoberta de mundos

mais-que-inventados

medram com a palavra

sempre e só

suicidais experimentações

estéreis agonias

(ah! como eu gostava

de ser poeta

viver outras vidas

utopia).

god's on trip

getting high

god save our *bob hope*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> droga, 'dope', marijuana mesclada com ópio

**474. POESIA REVISITADA****(de novo a ti, daniel filipe)**

ALERTA! a imaginação tomou de assalto o poder !

hoje

virão talvez crianças

descendo as sagradas ruas das máquinas

acompanhando nas avenidas a liberdade por inventar

dando-nos as mãos

os sorrisos

os sonhos

hoje

nas campas rasas

estarão heróis que nunca foram

perguntarão '*Quando seremos ouvidos?*

*a nossa carne encheu canhões*

*no-la recusam agora?'*

os mendigos

desempregados

reformados

deficientes das guerras todas

as pegadas finas

prostitutas de rua

chulos

traficantes de ilusões

os ladrões

criminosos

e demais gente ordinária e vulgar

anunciam manif reivindicativa

'a greve será total', dizem

enquanto isso

partidos

militares

sindicatos

demais desorganizações de massas

exigem

do governo

a ordem

a força

a autoridade das armas

a repressão

o estado-de-sítio

a censura

até mesmo a pena de morte

por toda a parte

*solidária é a luta dos oprimidos* - clama o poeta

*única é a voz dos marginais* - escreve o louco sensato

nas paredes

nas grades desta prisão

(aqui e além leves escaramuças populares

não há baixas dignas de registo

- asseguram fontes oficiais -

geralmente desinformadas)

a sociedade é um flagelo social do indivíduo

libertemo-nos da grande ameaça - denunciem os dissidentes

a situação é calma

assegurado o controle total do país

militares, militarizados e milícias privadas em prevenção rigorosa

algures à mesma hora

num público jardim

um casal de amantes

feliz

desocupado

despolitizado

e despreocupado

faz amor

sem carácter de urgência

confundidos por vulgares agitadores da ordem

serão chacinados ao despertar o amanhã

(felizmente havia luar!

comentou lacónico o primeiro ministro

muito dado às lucubrações intelectuais).

**441. MARIALVAS SEM CARTILHA (para um diário dos dias por silenciar)**

inventário teu corpo vazado

urgente fruí-lo enquanto puro

depois

abandonada

erguerás o apelo

o deve e o haver

o balanço digráfico

desperdício

formas sem uso

comércio

desvalorização

e o investimento do corpo

sem reservas fiscais

sejamos compreensivos

toleremos a depreciação

o stock inútil de teus ossos em saldo

o líquido lucro da virginal lembrança

hipotequemos a mercadoria

vendida

trespassada até à exaustão

cumprir-se-à o destino de prazer pago

parca comissão

satisfeita a lúbrica ânsia e a frustração

sem choros nem queixumes

apodrecida e descarnada

venderás luar em teus olhos sem vida

nas esquinas do tempo-gasto  
pobre prostituta de tolos e vadios  
então o Império  
a Grande Indústria  
Corpos e Cia. s.a.r.l.  
reunirá o conselho de administração  
abatida ao património  
ossos inúteis  
sem ofício nem remorso  
ninguém lembrará a força bruta  
a tímida escusa  
a criança sangrenta e desflorada  
que não te deixaram  
o lar submisso onde não aprendeste a sonhar  
o amor em prestações  
na lenta morte o sorriso alvar.  
  
o desdém presidencial  
tranquidormentes consciências  
proclamações de progresso irrefreado  
lucros de sociedades novas  
sublimes missões  
homens novos  
**predestinados.**

**449. EROS nos jardins de leste**

os corpos se venderam por dez réis de nada

assim me serviam do que criam inútil

e se davam

fáceis e apáticas

faziam amor como quem respira

isto é

o ritmo cósmico da órbita do poema

descrevia uma sinusóide irregular

e de tanto engravidarem

sentiam na carne

o vício de todas as necessidades

e de tantas fomes acalentarem

o instinto as aguilhoava

nascituras

logo então vitimadas

-EROS senhor e amo nos jardins de leste

pequenas

saracoteantes

delicado delinear de dietas forças

figuras de cabaia e lipa<sup>2</sup>

dos agrestes picos montesinos

às planuras

frágeis ninfas

---

<sup>2</sup> saia de tecido colorido, típica de Timor, de origem malaia, e que é usada enrolada à cintura, descendo até aos tornozelos



**“que o sol em nascendo vê primeiro”**

*diac ca lai? la diac malai<sup>3</sup>*

e a gente compra

*Escudo ihra - Né*

*la cói! ata! lima*

*cabeça búlac! menina lá diac ... ossam báric*

*loro mai massimida*

os lábios de carmim de viva cal e da *harecan*

*haneçam maliri.<sup>4</sup>*

---

<sup>3</sup> Em Tétum no original

<sup>4</sup> Em Tétum no original

**452. MEMÓRIAS**

ave louca

sinusóide vôo

rias-te

nem sabíamos o quê

de quê

era já o fumo

olhos e mãos

baças mãos

gestos nunca antes inventados

sabíamos do tempo a imponderabilidade

a curva obscena dos corpos

na posse do mundo estávamos e éramos

coloridos e diáfanos

queimávamos identidades

alguém cantarolava palavras

desconexas

inúteis

carícias

premeditadamente esquecidas

ela se levantou

a víamos como se não fosse

isto é

criada no instante mesmo

hesitante

avançava pela janela

ninguém a abria

seria talvez noite  
transcendental o país  
bebedeiras de amor  
roteiros estelares  
no suor do regresso  
como se nunca partiras  
no sorriso distante  
nos teus lábios  
cresceram da criança os olhos  
encheu-se a sala de frágeis gestos  
alguém ousara!  
na rua um escape no silêncio do grito  
a regra é saber que horas são  
ou medo  
a vertigem  
a regra do pavor  
o voo de ficar  
céleres que nem imagens  
falam de nós  
no tecto branco ou nu  
ou somos  
desirmanados no frémito que nos invade  
a resposta recusada  
texto ou resumo  
a vida violada.



**466. CÂNTICO A MARDEJ**

o enorme pássaro azul te descreve  
em seu reflexo vejo do vôo

o prazer

e vou

imaginar é já esta viagem insuspeitada  
asas multiformes

amplos espaços

roteiros de ti

(A LIBERDADE NÃO SE APRENDE

CONQUISTA-SE !)

círculos de luz

na cor

no ciclo irrepitível do tempo

Mardej era o nome

flor apenas

e jovem

alva página esta

página alta

insubmissa

virginal era o silêncio

e se fez bailado

frágil o corpo

e se fez música

revoluteavam línguas

unhas de fogo e fome

migrantes mãos no percurso primeiro

incontidas

hesitantes

exaltantes

era amor

não o sabíamos fugaz.

**476 PARTIR**

( com a Nô e à Nô Roquette )

partir !

cortar amarras

como se ficar fosse já um naufrágio

ficar

como quem parte nunca

partir

como quem fica

nas asas do tempo

esta a mensagem última

solidão sem nome

o ridículo das palavras nos move

sim ! creio em nós ou talvez não

os filhos farão a história

e será deles

talvez a esqueçam

partir !

cortar grilhetas

como se morrer fosse

levar este desespero

ao limiar de todos os impossíveis

vencer ameias

cortar amarras

velas ao vento

olhar do mundo

os deuses e a carne

crua

impiedosamente  
se vive este tempo de incúrias  
e me inunda  
no passivo desleixo  
buscar um ego por medida  
erguer a voz  
sem medos  
rasgar as pedras e o ventre  
semear desencanto  
esta aridez que me possui  
e sorrir  
no olhar verde da grande utopia  
na espera dos loiros cabelos  
na esquina destes corpos entrecruzados  
nascer  
de novo  
uma vez mais  
( em vão ? )  
acreditar colectivo este inferno  
dar o salto  
transpor a fronteira  
entre o ter e o ser  
imaginar  
como só os loucos sabem  
o desprezo  
armar sorrisos  
às conveniências



criámos a norma-anti-norma

anti-resposta

anti-vida

como se ser feliz

aceitar os sonhos

e então chegaste

com primaveras nos dedos

loucas promessas insinuavas

despontaste como quem acorda

horizontes perdidos

demos as mãos

sabor de início do mundo

depois nos disseram do ódio

como um aviso

espiavam-nos as sombras

com uma raiva infrene

cuspiam nos olhares que não entendiam

este o lado outro das palavras por dizer.

**446. NÚPCIA**

( à Evy )

este o roteiro  
         nem imaginado  
                                 presentido  
 abrimos a paisagem  
                                 devagarosamente  
 como se licença houvéramos  
                                 de pedir  
   às estrelas do chão  
 o brilho pulsar  
                                 deuses de lama  
 em ti o corpo madruga  
 pérolas negras  
                                 no azeviche dos cabelos  
 é teu o sexo  
                                 e o bailado da sua sombra  
   desconheço  
 longa a noite de mil vigílias  
 a palavra denúncia  
                                 o medo superado  
 cavas o fosso  
                                 no abismo de teus olhos  
 te deitas  
                                 navega o ventre  
   no vento  
   do tempo insuspeito  
 é nosso o fruto

e proibido

mosto sagrado

as colinas e o delta

vénus pitonisa

calcámos minotauros e erguemos jasões

é para quando o sangue desta núpcia ?

ardente sede nos consome.

**455. TE****(A TI MESMO )**

caminhas como se asas houvesse

ignoras o pensamento

e te transporta

círculos descreves

negação do ego teu

existes

enquanto contraditórias as razões tuas

delas te evolas por sobre a turba anónima

em nada crês

e é tua a natura-mãe

motivo

consequência

dos outros

sabes a incoerência ingénua

e o dolo

proclamas o auto-equívoco do elogio

TUA

A VERDADE

só tu conheces

habitas

desprezas

falso o mundo dos olhos

teus

como a estória do que sentes

dos bosques sabes a ramagem

das nuvens os castelos

caminhas

e em ti o equilíbrio é etéreo

ambicionas o mutismo

linguagem universal do devir

crias quotidianas personagens

ancestral a sabedoria que rejeitas

alquimista de impossíveis

de ti

a imagem só tua

no lado outro do espelho

de ti

a fala e o canto

e o mundo que conheceste

inventando.

( ESTE O SOBREHUMANO HINO ).

**467. BALI****I**

tapem depressa esse sol imenso

apaguem o cinzento em todas as nuvens

consumam o ar respirável e grátis

( se ainda restar )

abatam a machado o castanho

das árvores verdes

drenem rios e mares

se ainda impolutos

nas pradarias plantem de concreto

gaiolas de gente

ocultem céus sob ondas esfumosas e azuláceas

( talvez grisalhas )

embalem-nos com místicas melopeias

estrídulos klaxons e apitos

ultra e infra-sons

metálicos

mecânicos

como o homem

cantem do aço as palavras

de titânio

e do urânio façam diálogos atômicos

(sem esquecer plutônio, árgon e os outros)

escavem galerias subterrâneas

labirínticas

por fim

( se houver quem o faça )

semeiem cabeças de mulher

nos caules peciolados

o *kif*

o *hash*

o *peyote*

viagens de mescalina ao centro do mundo<sup>5</sup>

delirem com wakeman

os cogumelos mágicos

gigantes do riso

sem vontade nem siso

sensações novas por inventariar

seis horas sob chuva cósmica

celeste mergulho de cadentes estrelas

mil sóis

o ritmo primário

a cadência beat

memória ancestral

poesia mística de pedras por decifrar

o vôo atávico

alento último no suor dos corpos

dança da chuva em traje de circunstância

vindos de nem-eu-sei donde

mar-te, talvez

fantasmas antigos

soletram segredos esquecidos

---

<sup>5</sup> Rick Wakeman's "Voyage to the centre of the earth"

castelos sem tempo  
 alquimias sem espaço  
 olhos dilatados nas lonjuras  
 lágrimas aceradas  
 espadas de gelo  
 sem medos

*onde o cruzeiro do sul ?*

perguntam duas virgens  
 ( fiz-me desentendido )

voguei no vento sobre as areias

ali mesmo

caminhámos séculos

até ao fim das bocas

esperma salgado

púbicas efluvescências

## **II**

- *Já destruíram a face ao planeta !* - exclamo

pássaro algum entoou o cântico da meia noite

é dia

esquecido de mim

perdido sem lembranças

ou nome

ou nexo

o sexo viril

húmido



pendente  
 de tuas ancas descarnadas  
 vagina sem dono  
 no pomo desta maçã  
 percorro deltas de fomes infenecidas  
 farejo bosques que urbe alguma sepultará  
 cerca da fogueira  
 teus ossos me ardem  
 remoçaste um parto louco  
 sedes irreprimidas

### III

*ANIMALS !*

sussurra incrédulo o gordo careca  
 agita branco de raiva (ódio?) seu panamá  
*nasty pigs !*  
 rosna a dona do pekinois rançoso  
 espojavam-se nas rochas  
 sem dunas  
 vasado o sémen no útero peregrino  
 gemia sussugante wonder alice  
 nas maravilhas do meu país  
 nuas órbitas  
 olhos e phallus  
 plástico transistor aos sapatos da jovem  
 sem pés

vozear rítmico do *kecak*<sup>6</sup>

balinês de nove séculos

*woodcarven* e *batiks*<sup>7</sup>

bikinis por vender

pele tostada e suja

ávidos de americanos turistas

o pregão infantil

o coloquial regateio do preço

ridiculamente pequeno

dez vezes menor

o exorbitante exagero do trabalho

dez vezes mais gratuito

duas notas de dólar por mil sorrisos

cheias mãos de antiquário

comprador de almas

sem sonhos

#### IV

longe o surf

o vulcão silente de *kintamani*

corais

tubarões

pesca artesana

a sombra supersónica dos jumbos

---

<sup>6</sup>Kecak peça do folclore típico balinês (Bali, Indonésia), pronuncia-se ketchak

<sup>7</sup> woodcarven, arte escultural em madeira talhada e lavrada minuciosamente  
batik, tipo de impressão a cores em tecidos, própria de Bali.

milhares flutuantes

vômito infrene de gente

esvaziar o bojo e (re)partir

busca antiga de sentir novo

despir dos hábitos a gravata

férias sem rosto

historietas futuras

tédio adiado

burguês camuflado às flores

camisa, shorts e soquetes

chapéu de palha e sombrinha

óculos fumados e charuto apagado

embuste inexperenciado

o juro da alienação quotidiana

salário vitalício

a casa

a sagrada família

esta a pausa breve

fotos instantâneas a três cores

souvenirs de imitação

bagagens de bugigangas

gorjetas também.

## **V**

no colmo da cabana o fumo denso

balbuciar desculpas

correr nu pelo palmar

beber o coco e o leite

*shiskebab* de formiga<sup>8</sup>

vegetais

soja

*chilli*<sup>9</sup>

vinho de arroz, *chau ming* e *vantans*<sup>10</sup>

ninhos de andorinha

acorda amor !

*buddha sticks*<sup>11</sup>

ácidos paranóicos

cogumelos azuis

tão só para ti

paola

a chinesa nascida em itália

trincava *bikkies*<sup>12</sup>

marcello dormia com a heroína

bíblico moisés afagava em tróia

helena

jimmi hendrix em intravenosa experience

bev

a ruiva pintava originais de cetim

dick era ainda um *dealer*

foragido mas feliz

---

<sup>8</sup> espetadinhas de formiga assadas na brasa.

<sup>9</sup> especiaria muito picante à base de piri

<sup>10</sup> chau ming, massa alimentar chinesa, mais fina que esparguete van tan, folhados fritos, típicos aperitivos chineses

<sup>11</sup> marijuana enrolada em pauzinhos atados e dopada em ópio

<sup>12</sup> diminutivo australiano para biscoitos

cérebros vazios

mas cheios

tão cheios

alheios

conversas jamais acabadas

empolgantes

no limiar infinito do genial

corpos balanceando cadenciados

afagos breves

sôfregos e sensuais

bebedeiras de suor sem calendário

cá fora o bailado sagrado de homens deuses

*o self stabbing dos kris na carne crua*<sup>13</sup>

terrífico ritual sem sangue nem dor

entre o êxtase e o clímax

caiem redondos de morte

actores da vida amadores

sacro licor os eleva de novo

investem frenéticos

descontrolados

oito possantes mãos os sustêm

macabro e belo espectáculo do *barong*<sup>14</sup>

iniciática peregrinação

bali - a ilha

*banjal tegal-buni* o templo

civilização século XI

---

<sup>13</sup> Kris - adaga longa e recurvada. self-stabbing - autoflagelação com adaga.

<sup>14</sup> peça do folclore místico de Bali, séc. IX-XII

mescla hindú-nésia

*kuta beach* a praia

*ngaben* a cerimónia ao entardecer<sup>15</sup>

liberta do corpo a alma

a procissão

as flores

a grande festa da morte

oferendas na torre crematória

barcos cortejam as cinzas na noite

este o paraíso e já perdido

início?

fim ?

viagem louca

a fome gelada de katmandu

o desprezo total em goa

lentos estádios da libertação

ardentes delírios tropicais

desconexa a fluente discursividade

arrastando da febre o esqueleto

comer sem fome

o *gado-gado*<sup>16</sup>

*shop-suey*

*cap cay*<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> cremação

<sup>16</sup> gado-gado, pronunciado gádú-gádú, salada vegetal típica da indonésia

<sup>17</sup> shop suey e cap cay (pron. tchá- tcháí) comida típica chinesa, pequenos aperitivos feitos de legumes e vegetais em fogo forte.

**VI**

janine a louca se masturba no térreo adobe da prisão

contrabando de narcóticos

denúncia premeditada

despeitado amante javanês

regressará num *bemo*<sup>18</sup>

quinze lugares sentados

três os meses em atraso

amigos em trânsito

ávidos dentes nos *perama's cakes*<sup>19</sup>

árida sede dos *Pernod's* à *Poppies*<sup>20</sup>

joe cocker era tema no estrado

a dutch princesa olhava altiva

sotaque rolado

juntos entoamos hinos odiosos

à europa distante

brian parodiava liverpool mineiro

chegando bliss e o seu petiz-lord

(made in *grosvenor* - londres

em *buckingham* um queer

marido e *M.P.* <sup>21</sup>)

---

<sup>18</sup> pronunciado bímo, transporte colectivo: pequena carrinha motorizada, com caixa fechada para passageiros, com capacidade de 6 a 15 pessoas, num espaço mais conducente ao transporte de quatro adultos.

<sup>19</sup> bolos de banana típicos do restaurante Perama.

<sup>20</sup> Poppies, bar mais conhecido e mais internacional de Kuta Beach, Bali, no início da década de 70. Arrasado em 1980 para dar lugar a mais um complexo turístico.

<sup>21</sup> queer - homossexual. M.P. membro do parlamento inglês.

vestia 1920's com capeline

abominava libras sem ouro

como quem despreza

katut lembrava o mote

alguns saíam em curta *trip*<sup>22</sup>

*"please ! no gettin' loaded on poppies!"*<sup>23</sup>

serviam um *meat taco*<sup>24</sup>

*pineapple sundae*<sup>25</sup>

sorriam-me *"cum çtáz amigu"*

*e mais não sabiam*

george encolhia ombros

lembrando a posse

resignada e terna joanne

dezoito apenas

*brisbane* <sup>26</sup>no início

*topless* e *scarf*<sup>27</sup>ao vento

rãs coaxavam no lago de nenúfares

ginsberg (alan) incómodo e desconhecido<sup>28</sup>

barry bongo<sup>29</sup> a tiracolo na guitarra

gestos adocicados

---

<sup>22</sup> viagem em jargão de droga

<sup>23</sup> por favor não fiquem *'pedrados'* no poppies.

<sup>24</sup> meat taco, enchilada, pão com carne à moda mexicana

<sup>25</sup> espécie de gelado ou sorvete de ananás

<sup>26</sup> importante urbe na costa nordeste da Austrália, capital do estado da Queenslândia

<sup>27</sup> topless - sem a parte superior (top) do biquini. scarf - lenço para o cabelo, cachecol, véu.

<sup>28</sup> alan ginsberg, poeta norte americano, controverso e radical, famoso a partir dos anos 50.

<sup>29</sup> personagem típica de filmes australianos da década de 70, personalizando um australiano, mediano, e diferente dos restantes, europeizados.



lenço *cache-nez*

kebaya antiga<sup>30</sup>

púrpura e cetim

barry mckenzie

vinte filmes épicos

dez mil cervejas

uma austrália de compêndio

alice springs e o deserto vermelho<sup>31</sup>

clare declamava shakespeare sem saber

## VII

mais tarde houve luar em *legian*

margret falava de sindicalismo *ACTU*<sup>32</sup>

petiscando *fried noodles*<sup>33</sup>

éramos como jovens e ingênuos

helen ansiava banguete em reforços

vinte quilos de *thai*

*bob hope* cocada<sup>34</sup>

todos pintávamos em silêncio

infernos de *dante*

o *allighieri*

---

<sup>30</sup> cabaia típica, originária da Índia

<sup>31</sup> única cidade do interior desértico da Austrália, no território norte, em pleno grande deserto vermelho.

<sup>32</sup> a central sindical australiana, Australian Confederation of Trade Unions

<sup>33</sup> massa alimentar chinesa, tipo esparguete que pode ser liso e chato ou muito fino, e servido em tipo sopa com vegetais, carne ou mariscos ou como prato principal acompanhado por vegetais, mariscos ou carnes

<sup>34</sup> *thai*, *bob hope*, *dope* - droga, *marijuana* da Tailândia enriquecida com coca, ou mesclada com ópio

viver num *losmen*<sup>35</sup> é regressar

à amizade original

ao sabor de início de mundo.

## VIII

noutra qualquer manhã

domingo

*javanese dudes*<sup>36</sup> excursionavam

pele alvar

kamera ao peito

flashes ao pôr do sol

como japoneses que não eram

anette a vegetariana

fugia da praia

imaginando-me russo branco

num curto intervalo de calendários

amor com carácter de despedida

ao canto chorava um xilo(bambú)fone

*uncle sam* perdia ao xadrez

desatento espreitava-nos.

## IX

---

<sup>35</sup> *losmen*, casa comunitária: espaço habitacional aberto onde residiam os turistas mais económicos em bali, na década de 70

<sup>36</sup> *salaios* da ilha de java.

quando as chuvas voltaram

fomos a *bangli*

no sopé do vulcão

o lago e a negra lava

fazia frio

disfarçados de turistas

*ma non troppo*

ouvíamos um *classical*<sup>37</sup> tão americano

arengava anti-comunismo<sup>38</sup>

anti-isto

anti-aquilo

(não mais me falaria

odiava desertores

antes isso! )

lascivo

comia os cabelos encarnados

do último tango em paris<sup>39</sup>

zanguei natalie f.

um nome francês e sardas verdes

xaile nos ombros nus

unhas lilás e preto

e branco e azul ou

saudades de torremolinos

---

<sup>37</sup> típico, no pior sentido.

<sup>38</sup> a norte-americana e sul-vietnamita saigão cairia em 1975 nas mãos dos vietcongues, e estava assediada naquela época da guerra

<sup>39</sup> alusão sexual ao filme de marlon brando e maria schneider “o último tango”

olé!

julie

hospedeira pan-am

fornicava no lençol de flanela

intenso aroma evolava do *chilum*<sup>40</sup>

um casal de múmias ocidentais regateava estatuetas falsas

clapton matava o sheriff<sup>41</sup>

na esquina em frente um teatro de sombras

*big fatty* mardej mercadejava *sarongs*<sup>42</sup>

a pequena dayú comia *babi kecap*<sup>43</sup> em molho doce

karen acenava um adeus

até à coroação no nepal<sup>44</sup>

( e do futuro

uma voz gritava

era assim naquele tempo )

amarelecido retrato tombou a meus pés

incomodado levantei-me

e saí.

---

<sup>40</sup> cachimbo cónico para fumar marijuana

<sup>41</sup> Eric Clapton "I shot the sheriff" LP 461 Ocean Boulevard

<sup>42</sup> vestido típico, tipo saia indiano e balinês

<sup>43</sup> pronunciado bábi ketchup carne de porco frita

<sup>44</sup> 11 fevereiro 1975, coroação milenária do rei do nepal

**469.1 LE POISON D'AVRIL**

( hoje, todos os jornais cumpriram  
nem uma só mentira se imprimiu  
era a verdade toda  
a do sonho não vivido  
talvez possível  
em letras garrafais

- HOJE DIA NACIONAL DE ENGANOS É LÍCITO DIZER A VERDADE -

proclamava o editorial)

a duas colunas no canto esquerdo  
a páginas quinze  
era minha a foto e o nome  
nem me impressionou !  
ri mesmo com despreendimento  
negra cruz encimava frontispício  
dizeres os do costume  
a missa presente no corpo do finado  
hora a habitual  
na residência  
o féretro saíra para jazigo familiar  
lembram-se de cada !  
(claro que me importei quando o padre disse  
que **ELE** me chamara à sua presença)

todos compungidos  
choravam rezas e eulogias

vestiam negro

excepto as flores

e as palavras vazias

adivinei um sorriso dissimulado

nos lábios da viúva

andei por aqui e ali

ouvindo este e aquele

pediam à minha alma

que os libertasse

queriam alívio

disfarcei-me por entre sombrias colunatas

e fugi

(ainda hoje me procuram !)

**469.II      DIA DE ENGANOS**

nesse dia acordou irritado

logo por azar estremunhado

notaria a seu lado

a mulher

morta há dez anos

os ossos espalhados pela cama

pressupunham aqui e além um certo descuido

mas que diabo !

voltou-se para a janela

tentando adormecer uma vez mais

invariavelmente o fazia em dias como aquele

foi então

atiraram a bola à vidraça

o quarto ficou estrelado

mil sóis recortavam-se no ladrilhado

esforçou-se por manter a calma

ocultou a face no travesseiro

agarrou a almofada

freneticamente

num esgar sensual

ao longe tiniam campainhas

não havia dúvidas

iria ser um dia mau

decidiu-se a folhear o matutino

recusou-se a acreditar

limpou os óculos

estava lá

sem engano possível

em título de caixa alta

em editoriais se consagrava

o sonho supremo da humanidade

por decreto presidencial

dum senhor que ninguém elegera

ia ser promulgada e publicada

no diário da governação

com força institucional

## A DEMOCRACIA

em termos mui solenes

o governo advertia

dentro de 24 horas

em cerimónia apropriada

nascia a democracia

e zás ! nem quis ligar a televisão

quieto e calado tresleu

era demais !

violento choque !

democraticamente

sem se dar conta

caiu para o lado com um baque surdo

morreu na cama

e em jejum

democrata de nascença.



**432. EURASIAMENTE À VOL DE 747b****I. DA EUROPA AO ORIENTE-DO-MEIO**

alando de paris logo passamos o azur da côte

sem escândalos nem coroas arruinadas

escarpas e praias despidas de homem

nove mil metros restituem à natura

impolutas ficções

(depois, o mediterrâneo é um lago semeado de grécias

logo a seguir à itálica bota

corfu vigia em tons de ocre

em tempos creta foi nome de ilha

na mitologia de zeus ).

da turca ankara sobrevoámos izmir

mandam-nos regressar

estamos no oriente-do-meio

a guerra volta dentro de dez dias

e só dura seis

telavive é um amontoar branco de colinas

um algarve deslocado

na planície árida velhos aero-despojos

entram comandos auto-metralhadorizados

importunam

espiam

revistam

obrigados e silentes

somos a abrasadora quietude do jumbo

partiremos

sempre mais tarde que previsto

no deserto amarelecido qual alentejo

repousam monstros de muitas lutas

nos *kibbutz* labutam formigantes sionistas

- este povo traz consigo o estigma

da aniquilação

própria e alheia

cheira a morte. -

cheiram a morte !

## **II. A TERRA DOS PERSAS**

embaixo sorriem sombras

minúsculos pontos rasgando a treva

quilómetros de fantasmas ancestrais

casas talvez brancas

bairros de adobe

avenidas ocidentais

mesquitas

na poeira do cansaço

um nome semi-mágico

teerão

a história do xá  
 um povo sem voz  
 à espera  
 o silêncio compungido do imperialismo  
 aterrámos lado a lado com estrelas ianques  
 estranho porto no coração do petróleo  
 persépolis foi há 2500 anos  
 o mito de alexandre  
 hoje.

### **III INDIANA UNIÃO**

a meu lado um saxónico cacareja  
 o nojo imenso da miséria  
 suja imundície  
 estamos em delhi, a nova  
 capital das castas  
 ghandi morreu há muito e era mahtma  
 indira é mulher e déspota ao que dizem  
 país estranho de contrastes e civilizações  
 dele guardo esconsas imagens  
 fome e pobreza  
 estamos no subcontinente da morte lenta  
 aliviado respiro  
 ao deixar o hindustão

### **IV. NO REINO DO SIÃO**

é já dia

os arrozais me espreitam

verde o país

castanho é banguete

em plena pista búfalos pachorrentos

a banhos de lama

camponeses debruçados

nos pântanos colhem o arroz

pequenas árvores dividem o asfalto

chove lá fora

sob 42° C de sol

lufadas de calor húmido nos penetram

densa respiração no ar por condicionar

lentas formalidades num inglês arrevesado

a vida possui aqui uma lenta ritmia

todo o tempo nos espera

nas auto-estradas camionetas com jovens

patrulhas militares

todos os veículos se cruzam dos lados todos

coloridos templos incrustados de pedrarias

ouro maciço de budas

descalços com cintos sagrados

nos embasbacámos

este o país do mistério

igrejas e fortes portugueses

memórias de tratados reais siameses e lusitanos

o mercado flutuante é uma cidade imensa

longos canais pútridos nesta veneza oriental

sente-se o aroma do dólar nas ruas

por entre golpes de estado adiados

a cem quilómetros se combate

é o apelo do futuro

os thais são simpáticos e ardilosos

milhares de anos de sabedoria a explorarem europeus

os preços função da nacionalidade

no faustoso erawan hotel

o luxo grandiloquente oriental

a sofisticada comodidade do ocidente

uma volta rápida pela cidade dos mil-e-um-templos

para lá das faces mudas

se encerra

o mistério

o convite

voltarei um dia.

## **V. TIMOR**

timor cresceu cercado

lendas que a distância empolgou

o sonho

a quietude

as 1001 noites do oriente exótico

o sortilégio dos trópicos

para o europeu

chegar era já desilusão

desprevenido

sobrevoa estéril ilha

montes e pedras

agreste paisagem sulcada

leitos secos

abruptas escarpas

terra sem marca de homem

esparsas cabanas de colmo

será isto timor ?

o avião desce o vazio em círculos

em vão os olhos buscam a pista

por trás de um montículo imprevisto

se vislumbra o “T”

e a torre de controle dos folhetos de propaganda

nunca existiu

a alfândega é o bar

a sala de espera

sob o zinco e o colmo

isto é baucau

aeroporto internacional

a vila salazar dos compêndios

que a história esqueceu

uma turba estranha se amontoa

à chegada do *cacatua-bote*<sup>45</sup>

o *patas-de-aço*

---

<sup>45</sup> *cacatua-bote* ou *patas-de-aço* eram designações dadas pelos timorenses aos aviões

esta a cerimónia sagrada do deus estrangeiro

descendo dos céus

dia de festa para os trajes multicoloridos

o contraste do castanho de sóis pigmentados

cinco da matina

e é já o pó e o calor

o espanto mudo nas bocas incrédulas

as formalidades aqui com sabor novo

espera lenta e compassada

séculos de futuro por viver

antes que ele venha

antes não venha

num barracão zincado uma velha bedford

de carga com caixa fechada

vidros de plástico sob o toldo puído

pomposo dístico colonial

carreira pública baucau-dili

picada em terreno plano

mar ao fundo

baucau

cidade menina por entre palmares

densa vegetação tropical

connosco se cruzam estranhos homens de *lipa*<sup>46</sup>

galo de combate ao colo

entre torsos e braços nus

das ruínas do mercado se evocam

---

<sup>46</sup> lipa, saia de tecido colorido, típica, de origem malaia, os timorenses usam-na enrolada à cintura descendo até aos tornozelos.

desconhecidos templos romanos  
 estrada n.º 1 até dili  
 sulcam-se abruptas as encostas  
 ao mar sobranceiras  
 ali se adivinham cristais multicolores  
 em lugar de pontes se atravessam ribeiras  
 enormes  
 leitos secos  
 o tempo as converteu em estradas de ocasião  
 pedregoso solo  
 cores indefinidas  
 castanhos e verdes  
*palapas*<sup>47</sup> dissimuladas na paisagem  
 imagens tristes de pedras e montes  
 baías primitivas  
 inconquistas  
 praias de despojos e conchas  
 paraísos insuspeitos  
 as gentes de sorrisos vermelhos  
 assusto-me  
 não é sangue nas bocas gengivadas  
 masca, mescla de cal viva e *harecan*<sup>48</sup>  
 placebo psicológico da alimentação que falta  
 um sorriso encarnado esconde a fome  
 súbito  
 por paisagens que só a memória

---

<sup>47</sup> casas cónicas, quadradas ou rectangulares em colmo

<sup>48</sup> folha de planta semelhante à do tabaco



sem palavras descreverá

eis dili

a capital

larguíssima avenida semeando o pó nas palapas

casas de pedra com telhados de zinco

na ponta leste chinas e timores

partilham a promiscuidade da pobreza

dili

plana e longa

a vasta baía antevendo imponente

o ataúro ilha

um porto incipiente

a marginal desagua no farol

construções coloniais pós 1945

da guerra que ninguém quis

dos mortos que os japoneses quiseram

da neutralidade do país mãe calado e violado

albergam chefes de serviço

altas patentes militares

sem guerras para lutar

sem movimentos libertadores das gentes

quinze quilómetros de asfalto

três casas dantes da guerra grande

aeródromo em terra batida

um jipe de afugenta búfalo

a rua comercial atravessa dili senhora

de leste a oeste  
 espinha dorsal  
 o centro  
 o palácio das repartições  
 do governo  
 perto um museu  
 o seu nome ostenta o vazio  
 riquezas sem fim  
 seus governadores exportaram  
 patriotas  
 colonizadores de séculos com nada para mostrar  
 um museu morto  
 dois sinaleiros nas horas de ponta  
 ociosos às portas dos cafés  
 à noite transfiguram-se  
 os *bas-fond*  
 o texas bar  
 da prostituição às *slot machines*  
 o submundo  
 a vida underground  
 afogar esperanças em álcool  
 sonhos há muito perdidos nunca sonhados  
 restaurantes poucos  
 melhor comida a chinesa  
 bares espalhados pela cidade  
 militares e álcool para calar distâncias  
 um portugal dos pequeninos  
 longínquo

cada vez mais

esquecido

nunca

perdido.

1973 numa cidade sem vida

morrendo nas cinzas próprias de cada noite

por entre o silêncio e a voz triste dos *tokés*<sup>49</sup>

o calor putrefacto

por entre o vôo alado das baratas gigantes

carros poucos

de dia só do estado

motocicletas pululam por entre viaturas oficialmente pretas e verdes

esperando mulheres de oficiais

às portas dos cabeleireiros

do liceu

militares a pé

em berliets ou unimogs

chineses muitos

dili é isto

a desolação

na parte alta da cidade o complexo militar

barracas insalubres

sob a sombra dos hospitais

um civil um militar

---

<sup>49</sup> espécie de lagarto sonoro, cuja idade se determinava pelo número de vezes que emitia o som *toké*.

fresco e verdejante vale

triste esta cidade

pretensamente euro-africana

palapas marginando ruas

nelas vive o timor

sem água nem luz

dez ou quinze filhos

que importa

a miséria é só uma e a mesma ?

esta *“a terra que o sol em nascendo vê primeiro”*

aqui as imagens

e são já história

não se repetirão

aqui não daremos testemunho

como transfigurar

colónias pacíficas

em palcos de guerra.

**433 I BUCÓLICA BOBONARIANA-I**

a colina à esquerda ergue-se mansamente

sem pressas

caminha do mar

reproduz-se altiva

pico agreste me vigia

não há vegetação

nem sinais de gente

(terá emigrado daqui a seiva ?)

as rochas puras ainda

primitivas

nascituras

erguidas por ciclópicas mãos

do fundo dos mares

quedaram-se ostensivas

desafio de nuvens eternas

arbustos pequenos

insignificantes como as gentes

misturados na paisagem

espraia-se na vastidão o olhar

( começa em mim )

e só montes

pedras

horizonte

e eu aqui fechado

cercado

ilha de mim próprio

o vale profundo

( talvez abismo, talvez acusação )

resisto

diviso emaranhado das brumas

ciscos amarelos

( segredam-me *são casas de gente* )

ENTÃO PARTO.

sem hesitar cavalgo

pedras

ribeiros

encostas

subo

desço

torno a subir e nada destrinço

insensível à rude beleza

atinjo inóspito cume

estranhamente plano

nele plantaram casas

cinco

seis

uma ao centro

*lúlic*<sup>50</sup> dizem-me

baixo-me e entro

tecto erguido a pique

muro de pedra a tocar baixo sobrado

---

<sup>50</sup> lúlic significa sagrado em tétum

térreo madeirame trabalhado segue as vigas

quadros sacros

sol

elementos

animais

no andar elevadiço

um lar entesourado em morada última

assusto-me

em volta ósseas relíquias

cheiro imenso a fumigação

saio

respiro ar puro

sacrossanto

das montanhas cercanias

uma laje quadrada

uma placa erecta

tipo tumular

flores murchas e perdidas

casas sem muros

no andar térreo

animais se abrigam

por cima pessoas se alojam

deitadas

a nascer

a cozinhar

a comer

a dormir

a morrer

quando as chuvas tombam

e o colmo amolece

quando o sopro do vento vem

rasgando a mirrada pele

quando *maromá*<sup>51</sup> se zanga

nascem surdos lamentos

ninguém ouvirá.

olhei

vi gente

acocorada

semi-despida

esquelética

nuas crianças

algumas do colo a mim chegaram

sorrindo orgulhosas da sua alva pele

pedindo as fotografasse

tartamudeavam *malai*<sup>52</sup> como quem se afirma

compreendi esse estranho orgulho

ilegítimo

mulheres se alugam para não perecerem

da fome vil

---

<sup>51</sup> o equivalente a deus em língua tétum

<sup>52</sup> designação dada aos brancos pelos timorenses



quando novas servem de pasto

a abutres forasteiros

depois

escavacadas

descarnadas

desdentadas

mascando infindáveis sementes

esboçam sorrisos

para a objectiva acusadora e cúmplice

não mais suportei este dantesco inferno

saí

acenei

voltei as costas

voltei ao exílio

- ENOJADO - .

**450. O TECTO DO MUNDO**

como romper as palavras ?

o som e o lamento do ai-tassi

sagrado lenho

em ti se moldaram

faces e rugas milenárias

caminhos de tecto do mundo

nas mãos vazias viaja o passaporte

para que não sucumbas hoje

há muitas mortes nos amanhãs

teus pés ligeiros voam vinte quilómetros

o cacho solitário que colheste

bananas com que não matas as fomes

enganas *malai* com parco lucro

escudo *lima*<sup>53</sup>

e teu rosto infantil e puro

sorria

vendeste a sobrevivência duma semana

caminhas curvado e galgas montanhas

teus os reinos de Railaco e TataMaiLau<sup>54</sup>

por isso retornas e teu sorriso é jovem

na cal e harecan misturas o prazer e o engano

também teu estômago sorri confiante

também tua a linguagem do corpo

no regresso de braços dolentes

firme em teu braço direito

---

<sup>53</sup> o equivalente a cinco escudos em moeda de timor

<sup>54</sup> picos mais altos de timor, rondando os 3 mil metros de altitude

o teu combate de penas  
 pobre mercador de ilusões em galos de luta  
 acaricias teu ganha-pão  
 teu desporto  
 e apostas  
 mais  
 sempre mais  
 são tuas as lágrimas  
 a revolta e a derrota  
 é teu o sangue e o alimentaste  
 guardas o estilete acerado  
 não decepou medos  
 são tuas as planícies e as ribeiras  
 as torrentes inundaram o arrozal  
 levaram pontes e caminhos  
 e tu ris do grande engenheiro *malai*  
 como do búfalo do china luís  
 navegando rumo à liberdade  
 nem pensas na tua  
 das árvores pendem camarões doces do rio  
 e o pequeno jacaré  
 faz o cruzeiro oceânico Ribeira de Seiçal-Dili  
*maromác*<sup>55</sup> sabe  
*maubere é diac*<sup>56</sup> e vai passar  
 esse o lado outro do abismo.

---

<sup>55</sup> maromác o equivalente a deus em língua tétum

<sup>56</sup> maubere é diac, o timorense é bom, coisa boa

**434. A LEPRA**

eu vi-os

de olhar gasto e gestos caídos

vinham com neves eternas nos cabelos

enxada às costas

vergados ao peso de séculos

maltrapilhos

descalços

rotos

bronzeados por sóis perdidos

na memória dos tempos

uma grande fome para contar

e o silêncio sem fim

de todas as solidões

falei-lhes

acenaram sem se deterem

cadência de autómatos

sem vontade

explicaram por gestos

o que presumi sorriso

onde só havia gengivas descarnadas

informes

perguntei

donde vinham

de que estranha guerra

sobreviviam

sem abrandarem a insólita marcha

puxaram da bia sem idade

acenderam-na na concha dos dedos recurvos

suspiraram

fundo

como jamais ouvira

era um sopro indefinido

murmurado

amargo

entretanto havíamos chegado

povoado estranho

sem gente

nem cães

ladrando em redor

casas estranhas

elevações de colmos

suspensas de estacas

mudas

sem janelas

nem portas

um silêncio velho de morte

deixar a alma

deste ritmo

parar

deixar o instante

deste tempo

renascer

eterno

esta a proposta

inicial

iniciática

até lá, como ?

**475. NASCEM OS DIAS**

suburbanamente vives

renasces quotidianamente

no sol que te alimenta

te transporta

hábitos comprimidos no sono

cheiras a cama

correndo te perdes

te cansas

nascem os dias na cidade

em cada rua

esquina

no matraquear lento dos minutos

nos acotovelámos vorazes

por entre a sandes e o copo de leite

a grande corrida no relógio das veias

e já somos o rebanho

e o cansaço

triturados no suor do trabalho

na lufa do jantar

um marido às prestações

os filhos endormentes

a televisão deserta

o sono

cansados os corpos

desconhecidos repousam

até um dia

amor  
e chamar-se-à liberdade  
nos dormitórios da cidade  
o silêncio nos embala  
sem voz que se erga  
nos sonhos  
que nos proíbem  
sem que a desfraldemos  
no edifício dos corpos  
a alegria das bandeiras  
  
neste país dos cravos  
  
as lágrimas vermelhas do seu sangue.



**433.II BUCÓLICA BOBONARIANA**

( permaneci calado  
traído por pensamentos galopantes  
onde as mulheres  
cadê as crianças ?  
que gente esta  
donde vem ?  
que peso arrastam  
penosa  
mecanicamente ? )

ao longe divisei um ancião  
vergado como uma aduela  
corri para ele  
inspirou-me medo  
fez um gesto vago  
um arremedo  
a suster-me  
estaquei a distância  
nem um pássaro riscava a muda quietude do céu  
tremi  
como se de súbito  
me penetrassem  
as respostas todas

virei costas

e corri

corri

corri

e aqui estou

hoje

a dar-vos conta

do que vi.

**485. E A VIDA CONTINUA**

oito longos meses

e a vida continua

não é padre videira pires ?<sup>57</sup>

e a guerra

dia-a-dia

quem contabiliza

no deve e no haver

desta falência

que somos

que fazemos

que sabemos

reinvestimos erros

na voz da experiência alheia

cobramos juros da própria inépcia

repetimos o ciclo vital

como salmões ou trutas

porque não como golfinhos amestrados ?

desovamos onde nascemos

estrénuo lufa

foz arriba

isolados

humilhados

da humana condição celebrámos

cultos animistas

profanos rituais

---

<sup>57</sup> alusão ao título de um programa religioso na RTP, nos anos 70

altares de fúteis memórias

holocaustos

ingénuos

pueris.

( e claro, tudisto em nome dos sacros deveres e normas

nesta macau anno domini 1977

do santo nome, de deus, cidade

preenchem-se os hiatos

parcos acepipes para as piranhas locais

avidez mórbida

jovens e vidas ceifadas ).

sonhos

quimeras

utopias

mera trampa.

**486. TAI PAN**

raiam auroras

na cabeça-de-jade-do-dragão

e o enorme olho de fogo vomita sua fúria

nos mares se aprestam

as lorchas sem porto de abrigo

TAI PAN senhor das gentes

bramava imprecando

e nós assistindo.

**484. TUFÃO**

vês tu

angie dear

é um tufão

e se aproxima

o mundo acontece sempre lá fora

as revoluções dão-se apenas

em cada um

de nós.

**488. A GRANDE MURALHA DA CHINA**

caiu um governo

no meu velho país

não caiu da cadeira

nem de podre

sem sangue

nem golpes

nem revoluções

CAIU DE POBRE

lá dizia Eça e gloso

isto de ser democrata

não paga rendas

nem dízimos

e aqui neste sagrado nome

da cidade

de deus

a mesma paz putrefacta

a corrupção-dos-dias-por-haver

o silêncio-das-vozes-por acordar

esta também

a grande muralha da china

e é um mito.

**451.PORQUE JOVENS**

eram jovens

por isso partiam

nas mãos os cravos

nos lábios mil sangues

por florescer

os corpos amadureciam quando matavam

pilhavam

violavam

era o fogo das balas

as granadas

o napalm

a carne para canhões

porque jovens

cantavam impolutos

e as mãos decepavam

a saudade desilusionada

irmãos todos

fratricidas

o papão fantoche do governo

lhes ensinara o decálogo de guerra

indesejada

porque jovens

partiam obrigados

nos sonhos



armada a verdade  
vulcões por semear  
                  sangrando campos  
                                  estiolavam  
eram os braços emigrados  
                                  era a fome  
eram soldados  
                                  era o povo  
porque soldados e povo  
                                  partiam  
levavam ódios insentidos  
cumpriam destinos alheados  
nos lábios as palavras  
                                  e eram amor  
o alfabeto dos oprimidos  
                                  para uso interior  
  lá onde os regulamentos não mandam  
pelo caminho  
                                  eram a voz e a bandeira  
o povo sorria às armas  
libertado caminhava  
                                  no braço armado do povo.

**440. POEMATO**

sequestrados deste mundo

outro

sálvagos no templo multiforme

alheados da fome

sobreviviam

esquálidos sorrisos

no nexo dos dias

sem amarras de espuma

na história-breve

inventaram o vôo sem esperma

na essência do grito

- ANDAM FAUNOS NO JARDIM DO POEMATO -

este o momento

poema

acto

nós o percorremos

volantes muros

na casa do meio

o corpo e o delta

no centro da imagem

o triângulo aquoso

ancoradouro de todas as sedes

em ti desagua

ventre

o vento

jactos insatisfeitos de searas

ceifas do púbis a fome

em ti germinada.

**443. POST SCRIPTUM****(a andré breton)**

como num mundo

outro

em mim

aguda memória

inenarrável

caminho no fogo das mãos

é nossa a estrada

alheios

os calendários o negam

no vento da derradeira galáxia

nascitura terra

fálica linguagem

precipitamos cegueiras

violento abismo

- momento zero na viagem do corpo-

fomos a lava e o magma

ébrios

exaustos

incendiário baptismo bíblico

construímos a casa e as areias

nove

para ti

eram os meses infenecidos

hoje

palavras intimidadas

seminolentes  
cerne de alquimias  
para quê crer  
utopias suicidas  
o país o decepam  
apáticos  
direi mesmo  
apátridas  
resignados  
assistimos  
gerámos a hidra  
agnósticos  
incrés  
expectamos  
das cinzas  
das ruínas  
obnubliadas memórias  
aqui começa  
a medieval noite  
silêncio de vivos com morte nos olhos.

**489. OS GRANDES ACTOS HERÓICOS**

viva

a compostura beatífica

nossos semoventes cadáveres

diariamente

face-a-face

no espelho do alter-ego

e somos

fazemos

dizemos

**NÃO!**

a grande farsa

o hábito antigo

iludimo-nos em sonhos já usados

pelas ruas

cafés

casas

nos passeamos

até na cama

como se fôssemos

outros

tristes robots de nós mesmos

articulamos a coragem

para dizer basta

para despir a máscara  
como quem expõe  
a nudez da cobardia

## ESTES OS GRANDES ACTOS HERÓICOS

atirar a canga da mentira  
dilacerar a putrefacção do fingimento  
mórbida estupefacção  
e já viver  
é uma sentença  
conspiratória  
compulsiva  
inocentes ambiciosos  
liberdades inconquistas  
prisioneiros da fome  
de ocultar misérias  
em gestos lentos  
premeditados  
socámos o espelho  
da nossa imagem  
outra.

**456. CARTA A UM HOMEM SÓ**

nasce

nem se sabe donde

coleante

se forma

se insinua

impotentes

desmascarámos

a voraz hidra

renegada senhora de nós

dos dias

se rói a memória

malsã mentira

a sabemos

tácito enleio

também tu

chegas

teu sorriso-menino

acaricias o hábito

silente cúmplice

palavras haverão

nunca vencidas

é profundo este fosso

mudo



fugaz e única

esta vida

póstuma

a alegria

perenes

inclementes

dúvidas

( lembras-te, meu amor? )

(amas-me, meu amor ?

responde-me

mente-me)

respostas preconcebidas

vagas

inconsequentes

inapercebido o salto

o vazio

o abismo

lembranças com sabor a pesadelo

jogos do antigamente

o melhor é continuar

fingindo

desespero

suspeitas vãs

o despertar tardio

jamais será mágico

acabrunhados

repetimos o logro

irreconhecido.

**457. OCIOSIDADE**

viver é já demasiado

dispendioso

inútil quotidiano

sem palavras

nem actos

viver esqueletos

memórias carunchosas

perdida a grande corrida

por todas as vezes

encontrados fomos

perdidos somos

viver é este hábito

ocioso

mil silêncios nos unem

são talvez definitivos

vazia a grande casa

do espírito

o corpo oco

soergue-se e cai

trinta e um os medos

longas as vigílias

mil vidas se esvaíram

é já inverno dentro dos sonhos

castelos desfeitos

abandonámos

porquê, para quê, meu amor?

**495 COLONOS DO MITO**

vinham de longe

do desespero

acalentavam a esperança

incrédulos chegaram

temerosos

altivos cresciam

com o tempo

impantes já e esquecidos

mas conquistadores

donos deste e do mundo outro

intolerantes viviam

ambiciosos se tornaram

ano após ano

se compravam

se vendiam

eles

os grandes colonos do mito

à boca de cena nasciam

e era normal

vinham em bandos

como pragas que eram

sugavam e partiam.

**451.II DEDICATÓRIA**

a meus pais de quem nasci

à mulher-mais-que-inventada

aos amigos

sobrevivos e poucos

aos bastardos

inúmeros e inominados

e aos outros

companheiros últimos

desta viagem

ao país emigrado

ao povo ignoto

e só

às estórias-da-história-por-escrever

lego as palavras

primeiro exiladas

inconquistas cidadelas do sonho

das utopias

o poemarma vem

e grita

renúncia

zenital voz

incestuosa geometria

do corpo

da raiz do tempo

da vala-comum

o vôo supremo

o alento  
e a revolta

ESTA UMA LEITURA LIBERTANTE.

honorada gratidão  
aos que me lerem  
construtores de fogueiras  
perenes habitantes  
deste deserto com vozes

a amizade e o verbo  
e o livro  
se fez casa  
à boca-de-cena o ponto vos cita  
actores multiformes desta farsa  
quotidiáfana

juntos escalámos  
estradas de asas insuspeitas.

- 489 OS GRANDES ACTOS HERÓICOS Timor, Abril,1,1975; Macau, Dezembro, 18, 1977, Macau, Março,5,1981
- 474 POESIA REVISITADA Porto, Maio, 16, 1976
- 441 MARIALVAS SEM CARTILHA Dili, Timor, Abril, 21, 1974
- 449.EROS NOS JARDINS DE LESTE Dili, Timor, Novembro, 25, 1974
- 452 MEMÓRIAS Dili, Timor, Abril, 13, 1975
- 459 (à angie) Porto, Novembro, 8, 1975
- 466.CÂNTICO A MARDEJ Porto, Janeiro, 11, 1976
- 476/7 (à nô roquette) S. Martinho do Porto, Setembro, 5, 1976
- 446 (à evy) Dili, Timor, Novembro, 18, 1974
- 455 TE S. Martinho do Porto, Setembro, 23, 1975
- 467.BALI (capítulos I a IX) Bali, Timor, Macau, Austrália, Novº74-Janº85
- 469.I.-LE POISOND'AVRIL Porto, Abril, 1, 1976
- 469.II.-DIA DE ENGANOS Porto, Abril, 1, 1976
431. EURASIAMENTE À VOL DE 737b
- I.DA EUROPA AO ORIENTE-DO-MEIO Telavive, Israel, Setembro, 19, 1973
- II.A TERRA DOS PERSAS Teerão, Irão, Setembro, 19, 1973
- III.INDIANA UNIÃO Nova Delhi, Índia, Setembro, 19, 1973
- IV NO REINO DO SIÃO Bangucoque, Tailândia, Setembro, 20, 1973
- V TIMOR Dili, Timor, Setembro, 20, 1973
- 433.I BUCÓLICA BOBONARIANA I Bobonaro, Timor, Novembro, 23, 1973
450. O TECTO DO MUNDO Dili, Timor, Dezembro, 3, 1974
- 434 A LEpra Dili, Timor, Dezembro, 3, 1974
- 475 NASCEM OS DIAS Porto, Julho, 10, 1976
- 433.II BUCÓLICA BOBONARIANA II Bobonaro, Timor, Novembro, 23, 1973
- 485 E A VIDA CONTINUA Macau, Agosto, 3, 1977
- 486 TAI PAN Macau, Outubro, 15, 1977
- 484 TUFÃO Macau, Junho, 27, 1977
- 487 A GRANDE MURALHA DA CHINA Macau, Novembro, 1977-10 Dezembro 1980
- 451 PORQUE JOVENS Bali, Dezembro, 3, 1974
440. POEMATO Dili, Timor, Abril, 1974 - Outubro, 1974
- 443 P:S: Dili, Timor, Junho, 16, 1974
- 489 OS GRANDES ACTOS HERÓICOS Macau, Dezembro, 18, 1977
- 456 CARTA A UM HOMEM SÓ Porto, Novembro, 5, 1975
- 452 OCIOSIDADE Porto, Novembro, 6, 1975
- 495 COLONOS DO MITO Macau, 27 Fevereiro, 1981
- 451 DEDICATÓRIA Bali - Dili, Janeiro - Março, 1975